
Transições combativas entre luta, briga e brincadeira: fronteiras fenomenológicas na Luta Greco-romana

*Leonardo Fernandes Coelho,
Cristiano Roque Antunes Barreira*

Resumo

Mediante os relatos dos lutadores de Luta Greco-romana, objetivou-se compreender como se dão suas experiências vividas na transição combativa entre brincadeira, luta corporal e briga. Para tal, foram feitas dez entrevistas sob escuta suspensiva com praticantes desta modalidade. Os relatos foram transcritos e, como via de análise, submetidos ao cruzamento intencional. De acordo com análises fenomenológicas efetuadas, durante a prática Luta Greco-romana as transições combativas tematizadas podem ser descritas e estruturadas em cinco distintas experiências vivenciais de combate: Luta, Briga e Brincadeira, além das transições de Luta para Briga e de Brincadeira para Briga.

Palavras-chave: Luta Greco-romana, Fenomenologia, Transições combativas.

Combative transitions between corporal fighting, play-fighting and brawl: the phenomenological borders cas in Greco-roman wrestling

Leonardo Fernandes Coelho, Cristiano Roque Antunes Barreira

Abstract

Through the reports of Greco-Roman wrestlers, the objective was to understand how their lived experiences happen in the combative transition between play of fighting, corporal fighting and, struggling/brawling. To this end, ten interviews were held under suspensive listening with practitioners of this modality. The reports were transcribed and, as means of analysis, submitted to the intentional crossing. According to phenomenological analyzes carried out, during Greco-Roman Fighting practice, the thematized combative transitions can be described and structured in five distinct combat experiences: fight, brawl, playing, transitions from fight to brawl and from playing to brawling.

Keywords: Greco-roman Wrestling, Phenomenology, Combative Transitions.

Transiciones combativas entre lucha, pelea y juego: las fronteras fenomenológicas en la lucha Griegorromana

Leonardo Fernandes Coelho, Cristiano Roque Antunes Barreira

Resumen

A través de los informes de los luchadores de la lucha grecorromana, el objetivo fue comprender cómo ocurren sus experiencias en la transición combativa entre el juego, la lucha corporal y la lucha. Con este fin, se realizaron diez entrevistas bajo escucha suspensiva con practicantes de esta modalidad. Los informes fueron transcritos y, como forma de análisis, sometidos a un cruce intencional. Según los análisis fenomenológicos realizados, durante la práctica de la lucha grecorromana, las transiciones combativas temáticas se pueden describir y estructurar en cinco experiencias de combate distintas: pelear, luchar, jugar, transiciones de luchar para pelear y de jugar para pelear.

Palabras-clave: Lucha Grecorromana, Fenomenología, Transiciones combativas.

Introdução

Pode-se dizer que no *Wrestling* – palavra inglesa que designa um combate agarrado –, se encontram, em meio às suas variações ao redor do globo e do tempo, algumas das modalidades esportivas mais antigas da humanidade, remetendo há dezenas de séculos¹. Em suas versões contemporâneas, as modalidades de *Wrestling* se tornaram sinônimo de luta olímpica. Muito difundida, é uma modalidade ensinada nas escolas de países como Estados Unidos e Rússia. Embora exista um periódico científico dedicado à modalidade, o *International Journal of Wrestling Science*, a exemplo de outras lutas e Artes Marciais não foi possível identificar em meio a estudos relativos ao campo da psicologia (Yilmaz et al, 2014; Yannis, 2014; Charilaos, 2019; Barbas et al, 2014; Martins & Pedro, 2018; Karimi, 2014; Georgiy, 2013) nenhum que se dedique à especificidade da experiência combativa propriamente dita, isto é, à natureza da experiência vivenciada enquanto se pratica a luta. É no registro dessa especificidade e a partir de uma perspectiva fenomenológica que o presente estudo se coloca.

Apesar do nome atual de uma de suas principais modalidades, a Luta Greco-romana, estão no Egito alguns dos mais antigos artefatos históricos relacionados à luta agarrada. Na cidade de Beni Haçane existem túmulos com cenas em alto relevo que sugerem uma luta equivalente ao *Wrestling*. Mesmo sua datação reenviando há cerca de 4.000 anos atrás, notam-se grandes semelhanças com as técnicas modernas. Segundo Shulika et al (2006) e Maksimocish et al (2004), quando se analisam as técnicas presentes nas pinturas, não seria difícil concluir que o objetivo da disputa era pressionar as costas do oponente no solo, utilizando-se de golpes com quedas.

Se a expressão é abrangente e possa ser usada para indicar modalidades como o *Ssireum* coreano e os brasileiros luta Marajoara, Huka-huka e Tarraca, por exemplo, atualmente, o termo *Wrestling* é utilizado para designar notadamente duas modalidades de combate assemelhadas, a Luta Greco-romana² e o Estilo Livre³. Durante o final do século XVIII na Europa, após seu longo ocaso medieval, essas modalidades de combate começaram a ganhar popularidade novamente, em especial na França. A luta mais comum e mais valorizada de então era a que tinha como restrição a captura abaixo da linha de cintura e como objetivo posicionar as omoplatas do rival no solo. O *Wrestling* profissional francês tornou-se popular na Europa, espalhando-se também as competições amadoras. Além do objetivo e da restrição mencionada, a luta renascida na França é conduzida à modernidade por outras três restrições gerais: torções de perna e técnicas de pé (como rasteiras) eram proibidas; técnicas visando às articulações e provocar dor foram proibidas; Não era permitido recuar, com a obrigatoriedade de aceitar o contato. Atualmente, o *Wrestling* francês é conhecido como Luta Greco-romana (Shulika et al, 2006).

¹ Há evidente anacronismo em se tratar por esporte as disputas combativas que um dia se tornaria o *wrestling*. Todavia, considerando o uso comum, a despeito da imprecisão conceitual que suscite, a similaridade técnica e a remissão que os gressistas contemporâneos fazem àquelas origens, justifica tratá-la assim.

² Na Luta Greco-romana, as únicas partes do corpo podem ser atacadas (logo defendidas) são os braços e o tronco, não sendo autorizados ataques da cintura para baixo. A modalidade tem competições exclusivamente para o sexo masculino.

³ No Estilo livre, o atleta pode atacar também os membros inferiores e existem competições para ambos os sexos.

Conforme Martínková e Parry (2015), na teoria e na prática, existe um verdadeiro caos terminológico com relação às práticas marciais, isto é, aos Esportes de Combate e às Artes Marciais. Colocando fora de circuito de validade as várias teses que participam dessa terminologia e debate caóticos, como as ideias de luta real e luta simbólica (Figueiredo, 2009; Sánchez García & Malcolm, 2010), a fenomenologia do combate corporal e da Arte Marcial re-concebe o sentido dessas práticas e a expressividade desses termos a partir das experiências necessariamente vivenciadas por praticantes e por suas comunidades. Esses trabalhos têm conduzido ao desenvolvimento de uma Teoria do Combate Corporal (Barreira, 2019a, 2019b), horizonte e subsídio essencial para uma Psicologia das Artes Marciais e dos Esportes de Combate.

No debate mais usual entre o que é esporte de combate e o que é Arte Marcial, pode ser controverso designar a Luta Greco-romana como uma Arte Marcial, havendo certamente quem possa defendê-lo como sendo apenas uma modalidade esportiva de combate. A considerar pela Teoria de Combate Corporal (Barreira, 2019), assim como pelo discurso hegemônico entre gressistas⁴, inclusive pelos entrevistados nessa investigação, a Luta Greco-romana é praticada com um *ethos* compatível ao das Artes Marciais Modernas. Diferentemente do que possa já ter sido, a Luta Greco-romana não é uma Arte Marcial Pré-Moderna, voltada ao uso instrumental em combates pautados em valores sectários e étnicos, mas se orienta por um processo de universalização e pelo princípio de que seu uso contra alguém fora do contexto da prática de ensino, aprendizagem, treinamento e competição, somente se justifica como recurso extremo com base em critérios legítimos de autodefesa. Assim, se sua prática é eminentemente esportiva, sua aplicação em combates violentos é plausível, mas atualmente submetida a critérios legais e morais contemporâneos que participam do discurso e da conduta dos gressistas.

Embora encontrem similaridades e diferenças entre si, os praticantes das várias Artes Marciais e modalidades esportivas de combate existentes, quando aprendem a lutar e quando lutam, usualmente, experimentam condições psicológicas que acirram ou distendem o combate, podendo levá-lo a se tornar uma briga ou a ter o aspecto de uma brincadeira (Barreira, 2017 e 2010). A fenomenologia do combate corporal identifica essas fronteiras como decisivas para a formulação de uma Psicologia das Artes Marciais e dos Esportes de Combate, motivo pelo qual elas vêm sendo estudadas em diferentes modalidades (Melo & Barreira, 2015; Basseti, Telles & Barreira 2016). Situando-se aí, o presente estudo se dedica a investigar esses fenômenos na Luta Greco-romana.

Em suas análises fenomenológicas iniciais, Barreira (2010, 2013b) apresentou quatro maneiras fundamentais de experiência de combate: a brincadeira de combate, a luta corporal, a briga e o duelo. Na presente investigação sobre a experiência de combate na Luta Greco-romana, entre essas quatro descrições iniciais⁵, apenas a forma combativa do duelo não foi abordada, uma vez que a investigação não encontrou tal fenômeno presente na modalidade. A brincadeira de combate ocorre quando predomina um

⁴ Termo utilizado para definir um praticante de Luta Greco-romana

⁵ Barreira (2017c) atualiza as análises apresentando também o "combate ofensivo instrumental" e a "defesa pessoal", totalizando seis formas combativas.

caráter motivacional lúdico, no qual os movimentos têm aspecto indulgente, ou seja, não obedecem à intenção determinada de vencer a disputa, mas acontecem embalados pela graça e diversão. A luta aparece quando existe um combate de disposições mútuas, ou seja, ambos os lutadores estão reciprocamente dispostos ao combate e procuram limitar de modo dominante o movimento um do outro. A briga, por sua vez, surge como um processo de coisificação do outro, com a prevalência motivacional da hostilidade e da força violenta; sem depender de reciprocidade, pode acontecer unilateralmente (Barreira, 2010, 2013b). Embora todos esses sentidos possam se misturar na experiência, é a vivência predominante e aplicada nas ações que determinará a qualidade do combate. Desse modo, é possível lutar com raiva do adversário, sem por isso se estar brigando. Todavia, se a raiva levar a uma condução cega da ação, transgredindo o autocontrole presumido pelas normas, a luta passa a ser uma briga (Barreira, 2010, 2013b, 2017c; Melo e Barreira, 2015; Basetti et al., 2016).

Compreender tais fenômenos pode favorecer uma atuação educativa e interventiva, respectivamente em Educação Física e Psicologia do Esporte, que fomenta posicionamentos menos propensos à violência entre os praticantes, portanto, mais sensíveis às condições para a melhora da aprendizagem da Luta Greco-romana. Em seu estudo sobre o assunto, Dos Santos (2014) menciona que diferentes autores indicam uma marginalização do ensino de lutas nas escolas, lembrando que seu uso é um "recurso educacional para o desenvolvimento de capacidades e habilidades nos níveis psicológico, psicomotor, cognitivo, afetivo, social e atitudinal" (Dos Santos, 2014, p. 7). É pontuado ainda que esses autores tomam as lutas como atividades em que se "respeita, rivais, companheiros, professor e os materiais" (idem).

Segundo Mesquita (2001), as lutas devem servir para integrar o cidadão à sociedade, colocando-se, para tanto, num plano pautado em bases técnicas, sociais e legais. Bem orientada, sua prática é capaz de promover virtudes como autoestima, autocontrole e confiança, podendo ser utilizadas em contextos de atenção psicossocial (Hébert, 2011). A literatura confirma a existência de uma preocupação em relação à formação dos praticantes de combates corporais (Trusz, Nunes, 2007; Rufino, Darido, 2012; Barreira, 2013a, 2013b; Dos Santos, 2014).

A Luta Greco-romana é uma forma de combate em que o contato entre os atletas é quase contínuo e há uso de muita força na tentativa de domínio do adversário. Como em outras lutas, a frustração e a contrariedade, em uma disputa em que as ações se assemelham bastante ao que pode se passar em uma briga física, favorece não só que seus praticantes estejam sujeitos a ter vivências hostis, mas que estas encontrem vazão combativa. Assim, porventura, lutas podem chegar a se tornar uma briga de fato. Por outro lado, o contexto de camaradagem no ensino, aprendizagem e treinamento da modalidade, dá margem a experiências lúdicas, em que a determinação de vencer cede à fruição e experimentação de jogos de corpo e movimentação livre. Como, entretanto, isso se passa e é vivenciado pelos praticantes de *Wrestling*? Com isso em consideração, esta pesquisa teve como objetivo identificar e compreender, por meio de relatos em primeira pessoa, submetidos a uma análise intencional de perspectiva

fenomenológica, como se dão as experiências vividas por praticantes de Luta Greco-romana na transição combativa entre luta, briga e brincadeira.

As análises de Barreira (2010, 2013b, 2017c) possibilitam a antecipação das fronteiras existentes na experiência de combate corpo a corpo, denominadas de luta, briga, brincadeira de luta e duelo. Na investigação, tais fronteiras não são assumidas como fechadas e já conhecidas, o que levaria à aplicação desse conhecimento à Luta Greco-romana de modo interpretativo. Diferentemente, como o objetivo não é interpretar, mas compreender o fenômeno, essas fronteiras são consideradas de modo a facilitar a ida de encontro às experiências em si, de maneira relativamente autônoma em relação a uma denominação pré-estabelecida, mesmo que previamente preocupada com as possibilidades de mudança e variação entre as experiências combativas. Dedicado a investigar as experiências de luta, briga e brincadeira de luta, o estudo pretende conhecer como ocorrem as passagens de uma experiência a outra no momento do combate. A presente investigação está no escopo de uma fenomenologia clássica aplicada em psicologia, ou de uma psicologia fenomenológica, desse modo as entrevistas realizadas seguem o referencial de Ranieri e Barreira (2010), Barreira e Ranieri (2013), Barreira (2017a, 2018).

Métodos

Como perspectiva de estudo foi empregada a fenomenologia clássica voltada a objetos culturais, nomeada arqueologia fenomenológica das culturas (Barreira & Massimi, 2005), como proposto por Ales Bello (1998). Partindo dos contornos do objeto, a articulação metodológica almeja executar uma aproximação à consciência intencional que permita apreender os elementos vivenciais constitutivos do fenômeno. Como essa aproximação não é direta, recursos operativo-conceituais desenvolvidos no âmbito de uma psicologia fenomenológica são acionados de modo a possibilitar a apreensão de experiências vividas e a análise intencional pretendida (Barreira & Ranieri, 2013; Barreira 2017a). Trata-se de pôr em prática uma escuta da experiência, para assim poder compreender as vivências intencionais essenciais à experiência prática na Luta Greco-romana.

Para a "coleta de dados" ou, de modo mais preciso, para a *produção intersubjetiva de relatos de experiências* (Barreira 2017a), foi feito o uso de entrevista fenomenológica com roteiro semiestruturado. As entrevistas foram realizadas, primeiramente, com uma sucinta contextualização a respeito de informações pessoais e do histórico na Luta Greco-romana do atleta, passando-se às indagações norteadoras da pesquisa. O projeto foi submetido e aprovado⁶ junto ao Comitê de Ética em Pesquisa. As entrevistas eram iniciadas somente após a apresentação do esclarecimento ético e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contando com a garantia de sigilo das informações pessoais e do anonimato do praticante. A realização da entrevista sucedeu-se individualmente, em local no qual o entrevistado se sentisse à vontade para relatar suas vivências.

⁶ Nº do processo - CAAE: 57691616.0.0000.5659 - Número do Parecer: 3.100.332

Diante da necessidade de acessar as experiências de combate dos lutadores de Luta Greco-romana, o uso da entrevista fenomenológica justifica-se por permitir o discernimento e o aprofundamento em relação às formas de experiência do combate, apoiando-se em um posicionamento pautado na *escuta suspensiva* (Barreira, 2018), pela qual o enfoque da interlocução é direcionado aos sentidos vivenciados pelo lutador. Para isso, é necessário proceder a suspensão dos conhecimentos sobre o assunto que o entrevistador presume como válidos, para que, então, possa ser privilegiado a expressão do sentido vivido pelo praticante. Ranieri e Barreira (2010), Barreira e Ranieri (2013) e Barreira (2017a, 2018) delinham os critérios científico-metodológicos de entrevista e a análise intencional nesta perspectiva.

Foram realizadas 10 entrevistas com praticantes cujos tempos de modalidade variam de três a trinta anos, de dois Estados brasileiros diferentes, Rio Grande do Sul e São Paulo, nove homens e uma mulher⁷. Os áudios das entrevistas foram gravados e transcritos para, posteriormente, realizarem-se as análises, com o fim de elucidar o sentido do que é vivido pelos lutadores de Luta Greco-romana no momento do combate. As identidades dos lutadores foram resguardadas. Diante disso, utilizou-se de pseudônimos com nomes de lutadores célebres na modalidade atribuídos aos entrevistados de modo a evitar suas identificações.

Entrevistados com pseudônimo.	Idade (anos)	Anos de prática
Sergey Semenov	48	Mais de 25
Emrah Kuş	45	20
Zhan Beleniuk	42	4
Riza Kayaalp	38	3
Artur Aleksanyan	32	7
Davit Chakvetadze	32	3
Mijaín López	31	6
Musa Yevloyev	30	15
Karan Gaber	27	3
Alexander Karelin	24	11

Conforme Giorgi (2010), a entrevista fenomenologia é distinta das entrevistas estruturadas, as quais são previamente montadas e fechadas. A entrevista fenomenológica é conduzida juntamente com o processo empático que emerge durante a realização da própria. Contudo, mesmo que não exista um roteiro fixo e imutável, é necessária a elaboração de um roteiro semiestruturado não apenas para que seja possível haver um norte durante depoimento, mas para que a abordagem das experiências dos diferentes entrevistados seja disparada de maneira comum. A entrevista semiestruturada seguiu o roteiro abaixo, direcionando cada entrevistado a expressar as suas experiências próprias, a partir de seus relatos particulares de experiências:

- Para você, como é a experiência de lutar Luta Greco-romana?
- Você já passou por uma experiência em que a luta se tornou uma brincadeira? Como foi isso?

⁷ Não foi encontrado diferenças nas experiências vividas em relação ao sexo dos participantes.

- Enquanto você estava lutando, já teve alguma vez que você ou seu adversário perderam o controle? Como foi?
- Ao longo de sua prática de Luta Greco-romana, você já passou por alguma situação de combate que você sentiu humilhante? Como foi? Atualmente como você avalia o que se passou?
- Você já passou por uma situação de combate em que você julgou inaceitável passar por ela? Como foi? Atualmente como você avalia o que se passou?
- Você já passou por uma situação de combate que foi humilhante para o seu adversário? Como foi? Atualmente como você avalia o que se passou?
- Você já passou por uma situação que tenha sido inaceitável para o seu adversário? Como foi? Atualmente como você avalia o que se passou?

Análise de Dados

Para a análise foi empregado o “cruzamento intencional”, valendo-se de diferentes vias de redução fenomenológica, em consonância à Fenomenologia clássica (Barreira, 2017a). O cruzamento intencional bebe na “variação imaginária” de Edmund Husserl (2006), o qual realiza uma diferenciação imaginativa do fenômeno, sem usar nenhum dado empírico ou relato. Já em uma investigação empírico-fenomenológica em psicologia, essencialmente a experiência de terceiros é a base da investigação (Barreira, 2017a). Ambas as operações, psicológica e filosófica, tem por fim o mesmo intuito: a redução à essência. Ao acessar as experiências, obtiveram-se cinco categorias que descrevem essencialmente as vivências dos praticantes de Luta Greco-romana, são elas: Luta, Brigada, Brincadeira, Luta/Brigada e Brincadeira/Brigada. Tais fenômenos são demonstrados separadamente no presente estudo, para assim auxiliar na elucidação e análise. As três primeiras categorias correspondem aos fenômenos Luta, Brigada e Brincadeira, respectivamente. As duas últimas correspondem à transição de luta para brigada e de brincadeira para brigada, respectivamente.

Resultados

LUTA

Luta de Força

Uma percepção que se destaca de modo determinante para a Luta Greco-romana aparece no âmbito do esforço. É perceptível que os atletas consideram a Luta Greco-romana como uma luta corporal que demanda grande força, prolongando-se no tempo e se diferenciando de outras lutas por esse aspecto.

A luta em si, o treino da luta em si, ele é desgastante, só que se tu chega no treino já com uma certa fadiga, aquele treino às vezes chega a ser insuportável, porque é o treino mais intenso de todas modalidades de luta que eu já pratiquei até hoje. Não

existe uma modalidade tão intensa quanto o *wrestling*⁸, porque ele envolve muita força e muita movimentação. (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

Essa força é designada como brutalidade, a qual seria mais evidente na Luta Greco-romana. Isso aponta um caráter muitas vezes tido como intrínseco às lutas em geral - o compartilhamento de uma brutalidade relativa que as diferencia de outras modalidades esportivas que não visam diretamente o domínio do corpo do adversário:

[...] teve alguns treinos que eu fui e a gente tem que ser muito bruto, na Luta Greco-romana a gente é um pouco mais bruto, a luta em si, qualquer luta é luta, não é dança nem nada, então a gente tem que ser bruto [...] (Pseudo Musa Yevloyev, 30 anos, 15 anos de prática.)

A força empregada na luta se coloca em oposição ao adversário e se define como uma norma da modalidade - recuar leva a punições e até à derrota:

Tu não pode te movimentar para trás, ou seja, o tempo todo tu tem que andar para frente, ou seja, é um treino que o tempo todo tu tá fazendo muita força, trocando pegada, sempre tentando levar o cara pro chão. (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

Luta com Fúria

Há momentos que flertam com a violência e descrevem ocasiões que poderiam ter se tornado uma briga. Um dos entrevistados chamou um momento vivido por ele de uma luta com "mais fúria", quando o vigor aumenta de modo reativo a alguma ação, situando-se no limite entre a raiva e a determinação agressiva. Pseudo Alexander Karelin relatou uma ocasião em que o discernimento entre um *clinch*⁹, uma pegada e tapas, os primeiros válidos pelas regras, o terceiro proibido, se tornou difícil devido à intensidade do agarre dos membros e da nuca. A resposta foi com golpes mais explosivos e com mais força.

[...] ele me deu (um *clinch*), aí ele pediu desculpa. Daí ele me deu dois, pediu desculpa de novo, daí eu deixei. Daí o terceiro eu acho que ele deu de maldade. Fiquei nervoso, irritado, mas não baixei o nível, a ponto de querer dar outro tapa nele, mas aí eu dava umas braçadas mais pesadas. (Pseudo Alexander Karelin, 24 anos, 11 anos de prática.)

De forma semelhante, Pseudo Musa Yevloyev relata sobre momentos nos quais sente uma força demasiadamente elevada em certos movimentos, como o *par-terre*, no qual o adversário deve encostar nas costas do oponente para iniciar o movimento, porém, sem uso exacerbado de força.

Então, no *par-terre*, que é a luta de chão, que cai no chão, fica ali na posição de defesa e a pessoa botou o antebraço com muita força também no meu pescoço, sabe?... Então, isso é algo

⁸ *Wrestling* é o conjunto das duas lutas, Luta Greco-romana e Estilo Livre.

⁹ Movimento de pegada da nuca do adversário com as mãos.

que me deixou muito chateado, mas não que eu fosse descontar, sabe? Agindo com imaturidade de alguma forma, mas sim voltando pra lutar com mais fúria, com mais raiva digamos, com uma força mais intensa para fazer as posições, sabe? Com mais vigor. Aumenta um pouco a intensidade, a adrenalina que você tá ali, ninguém gosta de ser machucado, mas aumenta, acho que sim, a adrenalina da pessoa pra tentar continuar. (Pseudo Musa Yevloyev, 30 anos, 15 anos de prática.)

Luta de Agarre

Diferenciando-se de modalidades de lutas baseadas em golpes como socos e chutes, a característica da luta de aproximação especifica um tipo de combate corporal. Tal diferença é determinante para a intencionalidade de uma modalidade de combate corporal em que o controle do corpo adversário é o que norteia as ações combativas.

Eu entendo isso como uma forma de fortalecer o corpo, de fortalecer a alma, e ganhar do seu oponente sem precisar de dar soco, sem precisar dar soco e chutes, se eu for lutar com você, qual for a luta, se eu dou um soco em você é uma agressão muito direta, você vai dar um soco em mim, eu vou dar um soco em você, um chute, chute, soco[...] mas a Greco-romana como não tem soco, chute, é a questão de segurar o oponente, conseguir organizar a sua pegada para poder imobilizar o oponente, é uma luta que surge historicamente para você mostrar sua força e sua aptidão de controle corporal. Eu acho que qualquer luta que dá chute e soco de longe é força, é legal, mas ela não é uma forma de você organizar a sua força estrutural no corpo todo, e a Luta Greco-romana parece isso, pegar um leão, pegar um animal, qualquer coisa assim, né? Mas a luta sem o soco, sem o chute, ela tem uma conotação diferente, ela é muito diferente. (Pseudo Sergey Semenov, 48 anos, mais de 25 anos de prática.)

BRIGA

Embora os relatos indiquem uma consciência clara daquilo que está em jogo entre os dois atletas que estão em combate, os próprios lutadores, eventualmente, reconhecem que podem ser tomados por experiências estranhas ao combate esportivo propriamente dito. Assim, Pseudo Mijaín López, diz: "na luta, é algo que é tu e o adversário, normalmente", para, após contar de uma dada situação, complementar, em que "Só que, às vezes, quando tu tem uma equipe, colegas, professores, envolvidos juntos, e acontece coisas com eles e quando tu tem relacionamento estreito com eles, com essas pessoas, no caso, tu, às vezes acaba tirando para si alguma coisa que aconteceu com eles, referente à pessoa ou à equipe com que tu vai lutar". Acompanha-se aqui a passagem, no contexto esportivo, da luta à briga. Pseudo Mijaín López ilustra muito claramente que na cena combativa: "às vezes, eu acabo entrando até mesmo com raiva!"

Nesse contexto, Pseudo Mijaín López, relata um episódio no qual seu companheiro de equipe recebe golpes proibidos na Luta Greco-romana:

Teve uma situação em um campeonato que o cara abriu o supercílio do meu colega, deu duas cabeçada no colega e abriu. E todo mundo viu que foi por querer, sabe? Pô é Greco-romana, não precisa baixar a cabeça tão lá embaixo para conseguir dar uma queda.

Diante desse acontecimento, o entrevistado descreve como aquilo modificou o seu estado de ânimo: "E o cara baixou, ele deu duas cabeçadas no cara e abriu, e eu fiquei muito bravo, muito bravo!". Após esse acontecimento, ele descreve o momento em que lutou com o mesmo adversário de seu parceiro de treino: "e daí deu o acaso de eu lutar com ele na final. Na final eu nocauteei ele, dei uma cotovelada na boca dele e ele caiu desmaiado, mas dentro da luta, eu não cheguei e simplesmente dei, eu fiz o movimento e o cotovelo aberto, e ele caiu desmaiado". Temos aqui o momento em que a luta saí de cena e a briga manifesta-se. O movimento de alvejar o adversário propositalmente com o cotovelo é contrário às regras da Luta Greco-romana. O golpe realizado deliberadamente com o objetivo de ferir o outro está fora daquilo que a luta se propõe a ser, denotando uma coisificação do outro.

Nesse afastamento combativo da experiência de luta, constata-se a intenção de ferir o outro e de encerrar o combate. Esse é o caso quando os lutadores saem do que seria o contexto da Luta Greco-romana, surpreendendo o oponente com golpes estranhos à modalidade. Posteriormente, Pseudo Mijaín López elucida o momento exato no qual ele alveja o seu adversário, com a intenção de feri-lo:

E daí então, quando começou a luta, a gente trocou algumas pegadas e aí ele fez uma pegada no meu pulso, quando ele fez essa pegada no meu pulso, é que eu fiz o movimento de estourar a pegada, em que ergui o cotovelo, e no momento que tinha que erguer o cotovelo e progredir o movimento e fui ao queixo dele, acertei o queixo dele, e ele caiu nos meus pés. Aí teve o tempo de recuperação dele e tal, ele recuperou e voltou para a luta. Aí eu não sei se ele entendeu o recado, mas comigo ele não tentou dar cabeçada, não ficou dando tapa na minha cabeça, ele fazia as pegadas e tentava a queda, e a gente ficou trocando quedas [...] (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

BRINCADEIRA

Quanto à brincadeira de combate, ocorre um aspecto motivacional lúdico, aparecendo como uma maneira de lutar durante o treino, para auxiliar no aprendizado com algo mais brando.

O treino tem que ter aquela parte de descontração, no treino tem que ter a parte lúdica. Porque o cara ele precisa, é... Tirar um pouco do peso da luta [...] (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

Compreendida como brincar de lutar, esta vivência é caracterizada por momentos mais descontraídos, onde os gressistas se preocupam menos com o objetivo final das técnicas, que seria a vitória, mas lutam com o

intuito mais descontraído no momento do treino, auxiliando dessa maneira a continuidade do treinamento.

E daqui a pouco a gente só fazia uma troca de esgrima ¹⁰e o colega pulava e levantava a gente, sabe e vice-versa. Levantava e "Se eu quisesse tinha te botado de cabeça no chão", sabe? Para nós é uma brincadeira, entendeu? Tipo, a gente estava brincando, mas já treinando, um treino com menos peso, vamos dizer assim. (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

Principalmente nos aquecimentos, nós começávamos com brincadeiras, trocando pegada, *clinchava*, jogava o outro no chão sem cair por cima, ou então pegava e fazia uma pegada no cara e ele não tava vendo e o cara 'e tá, qual é que é? ' E o cara 'não só para ver se estava ligado', mas tipo brincadeira [...] para tirar aquela sensação de obrigação da situação, porque se tu tá fazendo algo por obrigação, já é uma coisa diferente, quando tu faz algo que tu gosta, tu te esmera mais. Nós todos gostávamos, nós chegávamos com vontade de treinar e acabávamos brincando, até mesmo naquela situação que eu chegava cansado, exaurido e sabia que ia ser ruim o treino, não por causa dos meus colegas, mas porque eu estava cansado, até mesmo nessa situação é bom quando tu chega e tem uma brincadeira. (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

Trata-se de uma troca que não está sujeita à finalidade de vencer, mas praticar técnicas para o combate, da descontração própria da Brincadeira, o que depende de haver confiança e cumplicidade lúdica no momento do treino da Luta Greco-romana.

LUTA/BRIGA

A transição da luta para briga, se mostrou presente quando o competidor sente um grau de injustiça na luta, como quando são violadas as regras. Porém, a eles é ensinado pelos seus professores que revidar essa infração tem consequências prejudiciais, por isso, relatam os entrevistados, eles buscam manter a calma quando tais circunstâncias acontecem. Contudo, no momento da luta, às vezes, essa situação não é controlável. É quando acontece a transição da luta para a briga.

No momento da luta você tá ali... Eu, já aconteceu comigo, de eu tá ali no momento e de respirar, de levar um tapão e de eu lembrar tipo de uma frase, sabe? Que o professor falava, enfatizava no treinos, sabe? (Pseudo Musa Yevloyev, 30 anos, 15 anos de prática.)

Já aconteceu de eu tomar uns tapas legais, sabe? Um cara mais grosso me dar um tapa, mas ai nunca saí na mão, nunca briguei, eu acredito que é por causa do perfil calmo, o cara me deu um tapa, eu olhei feio pra ele, ele pediu desculpa, não vou dar um soco na cara do cara. Não vou brigar com um cara desse né, pra que eu vou me prejudicar? (Pseudo Alexander Karelin, 24 anos, 11 anos de prática.)

¹⁰ Nome de um golpe na Luta Greco-romana.

As passagens da vivência de luta para a de briga nos relatos se dão no processo de intensificação da luta. Como se nota nesse trecho, no decorrer do combate os lutadores percebem a modificação da intenção presente nas ações e reagem:

Ele me deu, aí ele pediu desculpa. Daí ele me deu dois, pediu desculpa de novo, daí eu deixei. Daí o terceiro eu acho que ele deu de maldade. Fiquei nervoso, irritado, mas não baixei o nível, a ponto de querer dar outro tapa nele, mas aí eu dava umas braçadas mais pesadas. (Pseudo Alexander Karelin, 24 anos, 11 anos de prática.)

Esses relatos mostram como, em virtude de um controle deliberado de si mesmo, a briga chega a ser evitada. Contudo, revelam também como a transição se mobiliza inclinando-se para a briga.

BRINCADEIRA/BRIGA

Os casos de transição de brincadeira/briga relatados aconteceram quando só um dos lutadores entendeu o que se passava como brincadeira, enquanto o outro entendeu como um ato de humilhação. Temos, então, um lutador que acha que sua atuação é de descontração enquanto o outro sente aquilo como humilhante. Essa é a passagem chave para a mudança de um combate que, *a priori*, era uma brincadeira para uma briga. O que define a mudança é a percepção de quem se sente humilhado. “Começar a, tipo, menosprezar mesmo. Fazer uma pegada e ele soltar e fazer careta, pegar, ganhar o clinch e te dar um empurrão no meio do tapete e tipo ‘eu te *clinchei* e não vou te derrubar porque eu não quero’ sabe?” Pseudo Mijaín López

Pseudo Mijaín López, elucida o momento do desentendimento. Um lutador realiza golpes que provocam a percepção e os sentimentos de humilhação no outro competidor, podendo se tornar um gatilho para uma briga.

Que o cara entrou e daí e tu viu, tipo tu entrou no cara, e o cara tentou segurar, tu viu que ia machucar o cara deu uma aliviada e o cara tira uma onda de ti, ‘ah, tu não conseguiu’, daí na próxima tu já entra com um pouco mais de pujança, ‘ah, não consegui porque não queria te machucar’, e às vezes tu acaba machucando o colega. Ou então, aquela troca de força mesmo, que o colega acaba se machucando, não chega a ser um descontrole de sair, nas vias de fato, mas é um descontrole momentâneo, mas dentro daquilo ali que é o proposto. Então tu controla muita coisa e releva muita coisa, justamente para continuar treinando e evoluindo. (Pseudo Mijaín López, 31 anos, 6 anos de prática.)

Discussão

Segundo Jensen et al. (2013), na vivência comunitária dos lutadores de MMA, foi observado que o oponente não é visto como um inimigo, mas sim um par. Ainda que vejam o combate como uma “batalha”, ela é uma batalha que demanda comprometimento e técnicas, em que o oponente não é visto como um inimigo, mas percebido com um nível de desapego

emocional. Os lutadores preocupam-se em se adaptar seus movimentos e desempenho em relação ao outro, para assim terem sucesso.

Já Barreira (2019b), também pesquisando percepções e experiências de lutadores de MMA, mostra como seus praticantes, mesmo tendo uma experiência mediada por comprometimento e técnicas, podem atribuir um sentido violento ao que fazem e, se sua experiência média, isto é, a norma na modalidade não é violenta, nem por isso eles deixam de experimentar eventuais situações violentas na prática. Situações vivenciadas como violentas são estreitamente relacionadas à experiência da briga, quando o combate entra numa zona de descontrole, hostilidade e perda de consideração quanto ao outro. Essa perda tanto pode ser protagonizada por um lutador, posição de agressor, como ser percebida no adversário, quando o lutador se situa como vítima da agressão. No entanto, na troca combativa essas posições se misturam e intercambiam, podendo incitar as reações de agressão mútua que fazem uma escalada violenta. Em sua tentativa de apreciação filosófica das modalidades de combate ditas violentas, Dixon (2016) assume que a expressão facial de ferocidade desenfreada voltada ao oponente quando um lutador ataca denuncia a sua intencionalidade condenável do ponto de vista de uma ética esportiva. Todavia, não apenas os resultados de Barreira (2019b) contrariam a posição de Dixon (2016), como o presente estudo mostra que a luta com fúria emerge como uma possibilidade e um desafio próprio ao acirramento combativo, isto é, mantendo-se no enquadre da luta corporal, onde o empenho em vencer e a reciprocidade estruturam a troca. A fúria pode ajudar a recrutar uma maneira de lutar que, às vezes, faz falta, por exemplo, pelo fato de que “ninguém gosta de ser machucado, mas aumenta a adrenalina da pessoa pra tentar continuar” (Pseudo Musa Yevloyev). Portanto, não se trata de um sentimento dispensável na experiência combativa, mas de algo bastante próprio às suas possibilidades mais essenciais e necessárias, sem por isso ser condenável e sequer podendo ser julgado como prontamente violento. Esse tópico merece mais discernimentos fenomenológicos.

A luta com fúria pode se aproximar da briga e o sentimento que a move ser o gatilho para essa transição combativa à violência. A direção do sentimento pode não ser clara para o próprio protagonista da experiência. Vale observar que, em ambos os relatos selecionados, no item “luta com fúria” pode-se distinguir como a raiva não se dirige *ao adversário*, porém, *ao que o adversário faz*. Conceitualmente, uma vez discernida com esta análise, a diferença da direção em que a agressividade se encaminha não é tão sutil. Todavia, na prática ela é bem menos cognitiva do que sentida, numa percepção correspondente a uma atitude. Assim, em meio à troca combativa, quando emerge, ela nem é claramente percebida e nem facilmente assumida enquanto desdobramento em atitude. Ao sentir raiva, pode-se perder o controle e partir para a briga. A considerar pelos relatos, evitar isso exige maturidade, um discernimento de valor assumido como atitude: “não baixei o nível, a ponto de querer dar outro tapa nele” e “me deixou muito chateado, mas não que eu fosse descontar [...] agindo com imaturidade” (Pseudo Musa Yevloyev). Essa atitude de comprometimento se prolonga como uma resposta técnica direcionada à ação do oponente, assim como dito por Pseudo Alexander Karelin e Pseudo Musa Yevloyev, respectivamente: “aí eu dava umas braçadas mais pesadas” e “voltando pra lutar com mais fúria, com mais raiva digamos, com uma força mais intensa

para fazer as posições". Nota-se que técnica e comprometimento não se distinguem na experiência combativa, a técnica tem que ser comprometida com o propósito do combate, quer seja brincar de lutar, quer seja lutar. Assim, quando um lutador percebe que, da parte do adversário, pode estar se perdendo o comprometimento com a luta por um excesso de intensidade, recorrer ao aumento da intensidade das próprias técnicas, ainda que sem extrapolar o permitido pelas regras, age alertando e possibilitando o restabelecimento do comprometimento que estava ameaçado de esgarçamento. Essa percepção se configura num ajustamento intersubjetivo que estabelece normas sensíveis (Barreira, 2017b) compartilhadas. Em grande medida, fazer parte de uma comunidade de lutadores implica em se apropriar e partilhar normas de sensibilidade, sempre suscetíveis, como os resultados dessa pesquisa apontam, de rupturas.

Como pontuado, é preciso constatar que a diferença entre sentir raiva do que o adversário faz e sentir raiva do adversário não é sempre clara em seus contornos conceituais e atitudinais para o lutador. Afinal, na percepção em meio à prática, o oponente e o que ele faz se identificam. O que conceitualmente - raiva da ação, raiva do adversário - é estático, perceptivamente é temporal. Quando a raiva se dirige ao outro ela explode, intempestiva e inconsequentemente. Ser inconsequente tem um componente moral, mas, antes e mais importante que isso, diz respeito tão somente a não prever mais do que o próximo ato, não antecipar mais do que o que se passa no aqui e agora. Quando a fúria se volta à ação do outro, ela é direcionada pela intenção de dar continuidade ao combate enquanto luta, a enfrentar a contrariedade sem se render à intempestividade. Direcionar-se ao que o outro faz responde à sua ação com uma nova medida, mais à altura do que é exigido pelo oponente. A regra é pressionada até seu limite - "aí eu dava umas braçadas mais pesadas" - mas não é extrapolada. O que se nota pelos relatos é que situações assim podem ficar no limite do controle e do descontrole, da intenção de revidar e descontar rompendo as fronteiras da luta, por um lado e, por outro lado, da intenção de continuar o confronto no interior do enquadre da luta. Mas, sendo pressionada ao limite da regra da luta, a raiva contra as ações do outro pode, a qualquer momento, explodir virando raiva do outro e acarretando uma briga.

A luta com mais fúria equivale à sua intensificação, quando os atletas exigem mais um do outro, podendo levar a luta a seu limite psicológico, isto é, às margens da *norma de sensibilidade* do lutador. Esse limite psicológico pode ser também um limite técnico, porque a raiva e o excesso de força que ela recruta podem atrapalhar a manutenção da perícia motora. Perceptivamente, a diferença entre a atitude que explode e a atitude que se intensifica no enquadre da luta é bastante pautada na intenção de dar continuidade, de sustentar a luta, considerar o seu depois: é necessário intensificar "pra tentar continuar". Predominam duas alternativas para quem não tenta continuar: parar o combate ou explodir, isto é, dar cabo da luta tornando-a uma briga, quando a sucessão da luta é descontinuada por sua ruptura violenta. Lutar é estar exposto a essas possibilidades.

Ao perder de vista a continuidade da disputa da luta, o encerramento na explosão da fúria perde de vista também o outro, tornado mero objeto da raiva e, por isso, coisificado como tal. Há experiências intermediárias em que, mobilizado pela raiva, o praticante luta com uma fúria ainda

subordinada a seu controle, mantendo-se nas regras da modalidade, mas a vivenciando como se fosse uma briga. Para ser um combate desse tipo, falta-lhe a objetividade do descontrole, a ruptura da norma, sem o que a ação não é integralmente uma briga. O que não a torna uma briga é a sua não objetivação.

Assim, lutar com muita raiva, mas dentro das regras, subordinando a raiva à luta, ainda é lutar. Não basta uma fúria coisificadora, é necessário haver uma ação motora que fuja da norma e expresse essa raiva para se passar objetivamente à briga. Alternativamente, uma declaração atitudinal ou verbal poderia também denotar que há briga objetivamente, mesmo se as ações motoras combativas permanecem dentro das normas. Na fronteira da objetivação da briga está a ocasião em que Pseudo Mijaín López relata ter feito um movimento de estourar a pegada acertando o seu adversário no queixo, com intuito de alvejá-lo. Naquele momento, ainda que o golpe ilegal possa ter sido tomado como um acidente e a luta tenha continuado posteriormente, por um momento, a falta do atleta fez a Luta Greco-romana deixar de existir, pois essa é uma luta sem golpes percussivos: “[...]na final eu nocauteei ele, dei uma cotovelada na boca dele e ele caiu desmaiado, mas dentro da luta, eu não cheguei e simplesmente dei, eu fiz o movimento e o cotovelo aberto, e ele caiu desmaiado”.

O estudo das transições combativas mostra como a violência pode emergir sem que ninguém decida brigar, mas por descontrole em nível pré-reflexivo. Uma chave interpretativa para isso é a já citada *norma de sensibilidade* (Barreira 2017), cuja ruptura designa a ultrapassagem dos limites do aceitável para o atleta. Essa percepção sensível engloba o senso normativo do que é e do que não é válido; portanto, não se trata de uma sensibilidade irracional, mas de uma apreensão sensível num enquadre normativo referencial e habitual. A ruptura dessa sensibilidade que informa o que é válido e aceitável é uma quebra no senso do que é justo para o atleta, impelindo a transição da luta para a briga. Quando se é levado ao limite da norma de sensibilidade os relatos mostram como a manutenção do autocontrole passa pela instrução dos treinadores aos atletas. Esse é o caso, por exemplo, de quando Pseudo Musa Yevloyev diz: “Já aconteceu comigo, de eu tá ali no momento e de respirar, de levar um tapão e de eu lembrar, tipo, de uma frase (...) que o professor falava, enfatizava nos treinos”. O tipo de advertência que parece conter os atletas fica bem explícito no relato de Pseudo Alexander Karelin: “O meu professor [...] sempre falava, ‘não briga com atleta e com árbitro, mostra que você ganhou a luta’”. Portanto, nesses momentos, a instrução pedagógica age como um antecessor a evitar a experiência de briga, a advertência que possibilita o esforço pessoal para manter a fúria contida junto à intenção de dar continuidade à luta e não torná-la um combate violento. Assim, mesmo que a passagem à briga não esteja inteiramente no campo da vontade deliberativa, emergindo de modo pré-reflexivo, evitá-la depende de esforço deliberado, pelo que os professores têm um papel fundamental, ético e formativo, ao orientar os atletas. Segundo Smith (2007), o comportamento dos treinadores esportivos afeta os pensamentos e sentimentos dos atletas, mediante lembranças e compreensões das atitudes dos treinadores. Na Luta Greco-romana, Yannis (2004) discorre como esse papel é igualmente presente na relação de treinador com gressistas, os quais desconhecem as consequências de seus comportamentos sobre os atletas. Em consonância com os resultados do

presente estudo e da literatura, frisa-se a importância de que os professores detenham atenção na repercussão dos seus comportamentos e orientações, sobretudo em termos de desenvolvimento de auto controle. Se o desenvolvimento de modelos pedagógicos no campo das lutas (Dos Santos, 2014; Gomes et al, 2010; Breda, Galatti, Scaglia & Paes, 2010) procura responder à importância central do papel e das decisões de ensino dos professores e técnicos, o desenvolvimento de uma Psicologia dos Esportes de Combate e das Artes Marciais, a partir de pesquisas como a presente, fornece conceitos que designam algumas das experiências psicológicas decisivas com as quais esses profissionais lidam na prática.

De acordo com Jensen et al (2013), os quais pesquisaram as experiências de lutadores de MMA, a realidade no octógono é vivida de maneira única pelos atletas, imprevisível e fisicamente extrema, de maneira totalmente distinta do mundo fora do octógono. Entrar no octógono é passar a um ambiente em que as mudanças podem tanto levar à vitória como à derrota, um ambiente controladamente caótico, com acontecimentos rápidos, que não poderiam ser traduzidos como uma mesma experiência pelo treinamento. De modo semelhante, Pseudo Zhan Beleniuk mostra como essa diferença se coloca na Luta Greco-romana quando o diz:

Acho que qualquer competição quando você tá treinando, você não sente aquele frio na barriga, aquela adrenalina, a competição é o momento crucial de todo treinamento, é pra onde todo treinamento nos levou. Então, acho que eu não consigo nem comparar a luta do treino [...]. A adrenalina da luta, a galera se xinga, a vontade de ganhar, aquela sensação de cumprir o dever mesmo que desgasta a gente. (Pseudo Zhan Beleniuk, 45 anos, 4 anos de prática.)

O relato evidencia como a luta competitiva é experienciada com maior pressão, como uma luta mais tensa e, por isso, mais sujeita a chegar às fronteiras de uma briga em si. Quando os ânimos ficam mais intensos na luta, a figura do professor surge como agente responsável pelo aconselhamento e preparo do atleta para passar pelos momentos de estresse da luta.

O fenômeno da brincadeira de lutar passa antes de tudo pela distensão das ações combativas. Como brincar implica exposição ao adversário, isso só é possível quando há cumplicidade mútua entre os lutadores, onde os dois se posicionem na luta de maneira mais descontraída, como quando Pseudo Mijáin López diz “[...] para nós é uma brincadeira, entendeu? Tipo, a gente estava brincando, mas já treinando, um treino com menos peso, vamos dizer assim”. Todavia, quando somente uma das partes entende o combate como brincadeira, pode acontecer de o oponente perceber a descontração como descaso, despeito e desrespeito, ofendendo-se com o adversário. É comum que atletas experientes lutem brincando com iniciantes, já que, se fossem lutar com determinação, seu domínio sobre o outro poderia ser tão fácil que não se desenvolveria uma troca combativa. A brincadeira de luta comparece como sendo decisiva para o ensino e aprendizagem, em que, com facilidade, o praticante mais experiente desenvolve situações desafiadoras para o iniciante. No entanto, a postura do mais experiente é importante, já que o oponente menos experiente pode

sentir sua ação lúdica como descaso. Essa percepção pode insuflar a raiva e a perda de controle em alguém que se sinta desrespeitado.

Pode-se colocar o estudo de Sánchez García (2008) com Aikido e Boxe em diálogo com a questão da transição combativa na Luta Greco-romana. Segundo o autor, no decorrer de sua evolução na prática, o lutador se torna mais cuidadoso com o outro, em especial com aqueles que têm menos conhecimento ou tempo na modalidade. O lutador experiente, à medida que adquire melhor domínio do conhecimento prático, tem maior capacidade de controle em atividades mais intensas, lidando melhor e com menos medo em situações vão deixando de ser percebidas como perigosas. Em relação aos inexperientes, todavia:

Ao contrário, no caso dos novatos, se posicionam nos extremos: ou há um excessivo cuidado com o outro, no qual não há quase nenhuma intensidade (com constantes repetições de expressões de desculpa: "desculpas", "sinto muito"), ou não há quase nenhuma consideração, não tem identificação [...], com ações que são de uma intensidade desmensurada. (SÁNCHEZ-GARCÍA, 2008, p.219)

A Luta Greco-romana segue uma experiência de combate com traços equivalentes à constatada por Barreira (2013a), Melo e Barreira (2015) e Telles, Vaitinen e Barreira (2018) com o Karatê e a Capoeira e o MMA respectivamente, em que já se destacava a relevância da dimensão pré-reflexiva na ação combativa. Para os gressistas – assim como os lutadores em geral – não há, necessariamente, um dar-se conta das intensidades vivenciadas no decorrer da luta, para que então haja uma providência do âmbito racional com o destino de realizar uma ação específica. A luta se mostra como uma experiência direta, não reflexiva, ou seja, não necessita passar pelo crivo da reflexão. Isso pode ser evidenciado quando o entrevistado Pseudo Alexander Karelin diz "às vezes eu estou lutando lá, e começa a luta, um marcou ponto e outro marcou, daí tem momento que tu não pensa, é automático sabe?". Semelhante ao que Melo e Barreira (2015) expõem em relação à capoeira, boa parte daquilo que se passa na Luta Greco-romana está num registro de vivências essencialmente corporais e psíquicas, numa esfera experiencial afetiva que determina os modos de lutar do praticante, com momentos mais brandos e outros mais intensos, sem que necessariamente se perceba tal flutuação, designando-se assim uma prática e uma transição combativa pré-reflexiva. Fundamentalmente, são as variações desses afetos que podem levar a diferentes vivências, como briga, brincadeira ou luta. Em particular, a experiência da transição da luta à briga parece se incrementar até explodir intempestivamente, sendo menos uma decisão deliberada do que uma experiência em que se é tomado ou em que a pessoa se deixa levar pela fúria. Nessas ocasiões, lutar, ao invés de brigar, exige deliberação e esforço voluntário. Isso não significa que a briga não possa se manifestar de forma deliberada, com a intenção premeditada de se chegar a essa experiência, mas tão somente que sua ocorrência elementar não depende de deliberação ou premeditação.

Considerações finais

As experiências de combate mais intensas, inclusive aquelas que flertam com a briga, auxiliam os lutadores a compreenderem melhor seus

próprios limites dentro da luta. Alguns dos relatos coletados sugerem que o papel pedagógico desempenhado previamente pelo professor foi determinante em momentos em que a perda de controle era iminente. As instruções recebidas facilitam que o atleta lide com as experiências no limite do controle e do descontrole, como os momentos de irritação com ações do oponente na luta, as quais podem levar para briga. Dessa forma, a briga, ou a transição de luta/briga e brincadeira/briga, podem ter uma vertente educativa, através da percepção do limite existente na experiência combativa, quer seja na Luta Greco-romana, como mostram os resultados aqui apresentados, quer seja em outras modalidades, como sugere a literatura já dedicada ao assunto (Melo e Barreira, 2015; Basetti et al., 2016). Essas experiências também permitem desenvolver a percepção de limite do adversário, assim como a do próprio praticante em primeira pessoa. Esse auto entendimento revela que somente a prática de maneira lúdica não seria suficiente para desenvolver um aprendizado de luta sob pressão, isto é, sob o risco da emergência da raiva. Por isso experiências de combate intensificado têm seu lugar no ensino de lutas, não podendo ser simplesmente impedidas ou descartadas em todo e qualquer contexto, mesmo se, em certas situações, possa ser preferível censurá-las inteiramente. Lutar somente no domínio da brincadeira, pode levar ao despreparo do praticante diante de um enfrentamento mais intenso, podendo-o deixar mais exposto ao descontrole e, portanto, mais sujeito a protagonizar ações violentas como uma briga.

A compreensão dos fenômenos presentes na Luta Greco-romana pode auxiliar na atuação interventiva e educativa na luta, tanto em Educação Física como em Psicologia do Esporte. Diante do entendimento de como ocorre a transição da luta para briga, ou de brincadeira para briga, é possível incentivar posicionamentos menos inclinados a violência durante a prática de Luta Greco-romana, fomentando, dessa forma, melhores condições para o aprendizado da modalidade.

A principal limitação desse estudo é ter contado com apenas uma praticante mulher, o que é compatível, embora indesejável (Channon, 2013; Telles, 2020), com a participação inferior delas na modalidade, o que pode estar vinculado a uma percepção maior, por parte delas do que dos homens, de que as lutas são perigosas (Dos Santos, 2014). Acredita-se, todavia, que os presentes resultados possam ter implicações que estimulem, por meio de um ensino atento ao desenvolvimento gradativo das normas sensíveis delas durante a prática, a continuidade de mulheres nas lutas que são, como indicou um dos relatos, associadas à brutalidade.

Agência de fomento

PUB-USP
FAPESP (2019/ 11527-6)

Referências

- Ales, B. A. (1998). *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*. (A. Angonese, trad.). Bauru: EDUSC.
- Ales, B. A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. (J.T. Garcia e M. Mahfoud, trad.). Bauru: EDUSC.

Barbas, I., Kouli, O., Bebetos, E., Mirzaei, B. & Curby, D. G. (2011). The Relationship Between Emotions and Confidence among Wrestling Athletes in Greece. *International Journal of Wrestling Science*, 1(1), 33-41. Doi: 10.1080/21615667.2011.10878917

Barreira, C. R. A. (2010). Uma análise fenomenológica da luta corporal e da arte marcial. In: *Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos (SIPEQ); 9-11, 1-8*, Rio Claro, Brazil. Recuperado de <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/OBS3.pdf>

Barreira, C. R. A. (2013a). *O sentido do Karate-do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E-papers.

Barreira, C. R. A. (2013b). Fenomenologia do combate: da ética da luta à luta pela vida ética. In: Mahfoud, M; Massimi, M. (Ed.). *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, pp. 413-447.

Barreira, C. R. A. (2017a). Análise fenomenológica aplicada à Psicologia: recursos operacionais para a pesquisa empírica. In: Miguel Mahfoud; Juvenal Savian Filho. (Org.). *Diálogos com Edith Stein*. São Paulo: Paulus, pp. 317-368.

Barreira, C. R. A. (2017b). A norma sensível à prova da violência: o corpo a corpo em disputa sob a ótica fenomenológica em Psicologia do Esporte. *Revista da abordagem gestáltica*, v. XXII, 278-292, Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n3/v23n3a03.pdf>

Barreira, C. R. A. (2017c). The essences of martial arts and corporal fighting: A classical phenomenological analysis. *Archives of Budo*, 13, 351-376. Recuperado de [file:///C:/Users/usuario/Downloads/11807%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/11807%20(2).pdf)

Barreira, C. R. A. (2018). Escuta suspensiva. In: V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2018, Foz do Iguaçu. *Anais do V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: Pesquisa Qualitativa na Educação e na Ciência em Debate*, v. 1, 1-12. Foz do Iguaçu: UNIOESTE.

Barreira, C. R. A. (2019). Bushido, budô e a origem das artes marciais modernas: por uma teoria do combate corporal. In: Sérgio Luiz Carlos dos Santos. (Org.). *Bushido e Artes Marciais: contribuições para a Educação contemporânea*. Curitiba: Editora CRV, pp. 195-214.

Barreira, C. R. A., & Massimi, M. (2005). Arqueologia fenomenológica das culturas. *Estação científica*, 1, 1-11.

Barreira, C. R. A., Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: Mahfoud, M; Massimi, M. (Org.). *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, pp. 449-466.

Basseti, V.; Telles, T. C. B. & Barreira, C. R. A. (2016). Towards a psychology of jiu-jitsu: phenomenological analysis of the ways to combat in practitioner's experience. *Revista de Artes Marciais Asiáticas*, 11(2s), 86-87. doi:<http://dx.doi.org/10.18002/rama.v11i2s.4185>

Breda, M. E. J. G., Galatti, I. R., Scaglia, A. & Paes, R. R. (2010) *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte.

Channon, A. (2013). 'Do You Hit Girls?' Some Striking Moments in

the Career of a Male Martial Artist. In: Sanchez Garcia, R. & Spencer, D. (Org.). *Fighting Scholars: Habitus and Ethnographies of Martial Arts and Combat Sports*. London: Anthem Press, 95-110. Doi: 10.2307/j.ctt1gxpddq.11

Charilaos, C. N. (2019). Origin and social status of the top Wrestlers in the ancient greek world. *International Journal of Wrestling Science*, 9(1), 34-39.

Dixon, N. (2016). Internalism and external moral evaluation of violent sport. *Journal of the Philosophy of Sport*, 43(1), 101-113. Doi: 10.1080/00948705.2015.1115360

Dos Santos, S. L. (2014) Opposition Games: New Approaches to Teach Wrestling in Brazilian Schools. *International Journal of Wrestling Science*, 4(2), 7-10. DOI: 10.1080/21615667.2014.954484

Figueiredo, A. (2009). The object of study in martial arts and combat sports research – Contributions to a complex whole. In: Cynarski, W. (Org). *Martial Arts and Combat Sports – Humanistic Outlook*. Rzeszów: Wydawnictwo Uniwersytetu Rzeszowskiego, pp. 20-34.

Georgiy, K., Lesia, K., & Shatskih, V. (2013). Psychophysiological Diagnostics of the Functional States in Wrestlers. *International Journal of Wrestling Science*. 3:2, 5-13. Doi: : 10.1080/21615667.2013.10878983

Giorgi, A., & Souza, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.

Gomes, M., Morato, M., Duarte, E., & Almeida, J. (2010). Ensino das lutas: DOS princípios condicionais aos grupos situacionais. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 16(2), 207-227. doi:https://doi.org/10.22456/1982-8918.9743

Hébert, J. (2011). *Arts Martiaux, sports de combat et interventions psychosociales*. Québec: Presses Universitaires du Québec.

Husserl, E. (2006) *Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma Filosofia fenomenologica: Introdução geral à Fenomenologia pura*. Trad. M. Susuki. São Paulo: Ideias & Letra. (Original de 1913).

Jensen, P., Roman, J., Shaft, B., & Wrisberg, C. (2013). In the Cage: MMA Fighters' Experience of Competition. *The Sport Psychologist*, 27, 1-12. Doi: 10.1123/tsp.27.1.1

Karimi, M., Keshavarz, S., Ansari, M. J., & Etaati, A. (2013). Mood Changes During A Period of Incremental Training and Following Tapering Strategies in Elite Male Wrestlers. *International Journal of Wrestling Science*, 3(1), 48-57. Doi: : 10.1080/21615667.2013.10878969

Maksimovich (максимович)., Ivko (ИВКО)., Kudel (кудель)., Popko (попко). (2004). *História do desenvolvimento da luta greco-romana na república da Bielorrússia. Título Original: история развития греко римской борьбы в республике беларусь*. Cidade: Hrodna. Оформление.

Martins, P., & Pedro, S. (2017). Motivational Regulations and Recovery in Olympic Wrestlers. *International Journal of Wrestling Science*. 7(1-2), 27-34. Doi: 10.1080/21615667.2017.1346345

Martínková, I., & Parry, J. (2015). Martial categories: clarification and classification. *Journal of Philosophy of Sport*, 43(1): 1-20. Doi:

10.1080/00948705.2015.1038829

Melo, F., Barreira, C. R. A. (2015). As fronteiras psicológicas entre violência, luta e brincadeira: as transições fenomenológicas na prática da capoeira. *Movimento*, 21 (1), 125-138. Doi: 10.22456/1982-8918.46298

Mesquita, C. W. (2001). Artes Marciais: uma prática de educação ou violência. In: Guedes, O. C. *Judô*. (pp. 61-72.) João Pessoa: Idéia.

Ranieri, L. P., Barreira, C. R. A. (2010). A entrevista fenomenológica. *Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos (SIPEQ)*, 4. Rio Claro. Rio Claro: UNESP. Recuperado de <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/46.pdf>

Rufino, L. G. B., Darido, S. C. (2012). Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 283-300. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/11.pdf>

Sánchez García, R. S. (2008). Análisis etnometodológico sobre el dinamismo del habitus em Bourdieu y Elias dentro del desarrollo de actividades corporales. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (Reis)*, 124(2), 209-231. Doi: 10.2307/40184911

Sánchez García, R. & Malcolm, D. (2010). Decivilizing, civilizing or informalizing? The international development of Mixed Martial Arts. *International Review of Sociology of Sport*, 45(39), 39-58. Doi: 10.1177/1012690209352392

Shulika (шулика)., Kosukhin (косухин)., Leshchenko (лещенко)., Novikov (новичков)., Khomenko (хоменко).(2006). *Luta greco-romana para iniciantes. Título Original: Греко-римская борьба для начинающих*. Phoenix: Publishing.

Smith, R. E., SMOLL, F. L.(2007) Social-cognitive approach to coaching behaviors. In: S. Jowett and D. Lavallee (ed) *Social psychology in sport. Champaign*. (pp 75-90). IL: Human Kinetics, p. 75-90.

Telles, T. (2020). Fighting and leaving no one behind: promoting engagement in combat practices through phenomenology. *Journal of Martial Arts Research*, 3(3), 1-11. Doi : 10.15495/ojs_25678221_33_127

Telles, T. C. B., Vaitinen, A. M., Barreira, C. R. A. (2018). Karate, capoeira and MMA: a phenomenological approach to the process of starting a fight. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 13, 114-130. Doi: 10.18002/rama.v13i2.5119

Trusz, R. A., Nunes, A. V. (2007). A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. *Movimento, Porto Alegre*. v.13, n. 1, 179-204. Doi: 10.22456/1982-8918.2932

Yannis, T., Maria, M., Ioannis, B., & Emmanuel, K. (2011). Perceived Coaching Behaviors in Wrestling. *International Journal of Wrestling Science*, 1:2, 54-58. Doi: 10.1080/21615667.2011.10878932

Yilmaz, I., Türkmen, M., Bektaş, F., Gül, M., Arslan, F., & Karaman, G (2014) Analyzing Wrestlers' Perceptions of Wrestling by Studying the Metaphors of the Athletes from the Turkish National Team. *International Journal of Wrestling Science*, 4(2), 48-54. doi: 10.1080/21615667.2014.954972

Sobre o autor

Leonardo Fernandes Coelho

Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Cristiano Roque Antunes Barreira

Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP, São Paulo, Brasil.

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Cristiano Roque Antunes Barreira

Av. Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre - Ribeirão Preto, SP - Brasil -

CEP 14040-900

E-MAIL

crisroba@usp.br

TELEFONE

(16) 3602-0529